

dma

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

da mihi animas

2013

Anno LX Mensile
n. 11/12 Novembre/Dicembre

Poste Italiane SpA
Spedizione in Abbonamento Postale
D.L. 353/2003
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46)
art.1, comma 2 - DCB Roma



NAS PRAÇAS DO MUNDO

dma

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora
Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma
tel. 06/87.274.1 • fax 06/87.13.23.06
e-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Giuseppina Teruggi
Anna Rita Cristaino

Colaboradoras

Tonny Aldana • Julia Arciniegas
Patrizia Bertagnini • Mara Borsi
Carla Castellino • Piera Cavaglià
Maria Antonia Chinello
Emilia Di Massimo • Dora Eylenstein
Maria Pia Giudici • Palma Lionetti
Anna Mariani • Adriana Nepi
Maria Perentaler • Loli Ruiz Perez
Paola Pignatelli • Debbie Ponsaran
Maria Rossi • Bernadette Sangma
Martha Séide

Tradutoras

francês • Anne Marie Baud
japonês • inspetoria japonesa
inglês • Louise Passero
polonês • Janina Stankiewicz
português • Maria Aparecida Nunes
espanhol • Amparo Contreras Alvarez
alemão • inspetorias austríaca e alemã

EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL

Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice
Via Ateneo Salesiano 81, 00139 Roma c.c.p. 47272000
Reg. Trib. Di Roma n. 13125 de 16-1-1970
sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c,
legge 662/96 Filial de Roma

n. 11/12 novembro-dezembro de 2013

Tip. Istituto Salesiano Pio XI
Via Umbertide 11 00181 Roma
USPI – Unione Stampa Periodica Italiana

Edição em Português

SUMÁRIO

EDITORIAL	<i>Ide sem medo</i> <i>Giuseppina Teruggi</i>	4
DOSSIÊ	<i>Nas praças do mundo</i> <i>“Atrairei todos a mim”</i>	5
PRIMEIRO PLANO		
UM OLHAR SOBRE O MUNDO	<i>O mundo dos jovens nos Estados Unidos</i>	9
ALMA E DIREITO	<i>Ética e testamento biológico</i>	10
CONSTRUIR A PAZ	<i>Promotores da Paz</i>	12
FIO DE ARIADNE	Ousar	13
EM BUSCA		
CULTURAS	<i>Espera-se a coisa difícil</i>	16
PASTORALMENTE	<i>A animação vocacional para um discernimento</i>	17
EM MOVIMENTO	<i>Um verão de jovens em movimento</i>	19
EM DIÁLOGO	<i>Entrevista com o Pe. Peter Zago e Ir. Teresa Szewc</i>	20
COMUNICAR		
FAZ-SE PARA DIZER	<i>Comunicação e nova evangelização</i>	21
MULHERES NO CONTEXTO	<i>Fé e resiliência: existe um liame?</i>	23
VÍDEO	<i>O sol dentro</i>	25
LIVRO	<i>A menina dos olhos de céu</i>	26
MÚSICA	<i>Música de videogame</i>	28
CAMILLA	<i>Quando chove no molhado</i>	29



“Ide sem medo”

Giuseppina Teruggi

Em uma de suas circulares, M. Antônia Colombo anotava que “educandos santos exigem educadores santos, capazes de viver a parrésia evangélica e de superar a timidez para propor aos jovens metas de beleza, de verdade, de bondade, que a transparência do seu testemunho tornou atraentes” (Circ. 854).

Palavras atuais, em consonância com o tempo em que vivemos, perto da festa dos Santos, e relacionadas com a reflexão que nos empenha neste tempo pré-capitular.

Madre Yvonne está nos lembrando que “somente uma vida que sabe arriscar-se por amor, como Jesus, no cotidiano, abrindo-se com audácia às situações da pobreza juvenil... torna-se sacramento da presença de Deus”, portanto evangeliza!

E sublinha que “a casa que queremos construir juntas tem a porta sempre aberta para deixar entrar a luz da Palavra e o amor misericordioso e gratuito de Deus, amor este a ser irradiado com coragem, mesmo contra a corrente e ‘pagando di persona’” (Circ. 934).

Audácia, coragem, capacidade de escolhas contra a corrente: são atitudes que exprimem a exigência da parrésia, hoje tão necessária. Implicam um caminho exigente de êxodo de seguranças, de acomodações a uma vida com sabor burguês, do medo de expor-se, para um doar-se com radicalidade. É o caminho que nos propõe de modo confiável o Papa Francisco. Sentimos em nós o eco das palavras que no dia

23 de junho ele pronunciou no *Angelus* dominical: “Vejo que entre vocês há muitos jovens. Eu lhes digo: ‘não tenham medo de ir contra a corrente’, quando lhes querem roubar a esperança, quando lhes propõem valores estragados, valores como uma refeição deteriorada que lhes faz mal, vão contra a corrente e sintam-se orgulhosos de assim fazer”.

Neste número, o tema da audácia evangélica é declinado sob diversos ângulos e pontos de vista.

Cada percurso nos parece um caminho transitável, como aconteceu àqueles que teceram as suas vidas.

Foi assim, para o Pe. Riccardo Tonelli, falecido (efetivamente ausente para muitos!) há cerca de um mês e que foi nosso irmão, amigo, pai, mestre, conselheiro discreto.

Um guia seguro e corajoso que soube “valorizar a intuição feminina, valorizar o humano, lugar de encontro com Deus e concentrar-se fortemente na educação, nos processos educativos para anunciar dentro deles a Verdade que salva e que torna a pessoa mais pessoa”.

A ele um pensamento forte de viva gratidão também por ter sido diretor da nossa Revista *Da mihi animas*, de 1982 a 1990. Ajudou-nos a sermos corajosas e coerentes com a linha declarada no Projeto da Pastoral Juvenil do Instituto.

Pe. Ricardo: um sábio com coração de ‘pobres de espírito’.

gteruggi@cgfma.org



Nas praças do mundo *Atrairei todos a mim*

Anna Rita Cristaino

Ao longo de 2013, os Dossiês têm abordado a temática da evangelização, tratando-a vez por vez a partir de diversas perspectivas. Nas praças do mundo, é o título dado a este Dossiê porque acreditamos que o Evangelho tem uma mensagem universal, e deve ser compartilhado nos espaços e tempos que envolvem a humanidade inteira.

Sabemos que a Palavra de Deus não está voltada apenas aos crentes e, portanto, como comunidade somos chamadas a entrar em contato e a dialogar com qualquer pessoa, cientes de que Jesus tem ainda alguma coisa a dizer a todos.

Acreditamos ser importante Evangelizar como comunidade, superando o sentimento de inadequação, deixando-nos contagiados pela audácia missionária, aprendendo a dialogar, assumindo uma linguagem que não exclua ninguém.

Percebemos que frequentemente existem forças adversas à compreensão recíproca, então é importante encontrar estratégias dialógicas que ajudem a quebrar a lógica dos clichês e que sejam capazes de construir pontes mais do que levantar barreiras.

Nas praças do mundo porque a praça sempre foi o lugar destinado ao encontro. Na praça desenrolam-se os acontecimentos mais importantes para a vida de um bairro, de um país, de uma cidade. A praça é o lugar no qual acontecem as trocas de informações, onde se fica para se ter a oportunidade de “sentir” a pulsação do coração da cidade, onde se percebe e se pode conhecer a alma do bairro, onde se escutam os seus rumores, as suas dores, as suas esperanças.

Pensando nas praças, sobretudo naquelas dos bairros mais populares, elas são ricas de encontros e de comércio.

Existem as praças que acolhem os idosos, as praças para o shopping, as praças para os encontros entre jovens onde o tempo e o espaço assumem uma dimensão diferente.

Muitas são também as praças famosas pelas grandes manifestações de paz, de reivindicações dos próprios direitos. Na praça, o povo como entidade consegue ter voz e se dirige aos poderosos, as pessoas expressam as suas ideias e as suas opiniões.

Às vezes a praça é também o cruzamento, a encruzilhada, o cruzar-se de estradas que se encontram, o ponto no qual os viandantes param para decidir qual direção tomar.

Nela se concentram frequentemente os duvidosos, nela firma-se quem não sabe qual direção tomar, quem pede informações e procura alguém que lhe indique o caminho.

A praça do encontro

Se pensamos na praça como lugar de encontro, pensamos não somente em quem já tem amigos a serem reencontrados, ou pessoas que o esperam para alguma conversa. Pensamos também em quem não sabe aonde ir, em quem não quer ficar só, em quem gostaria de encontrar alguém e escolhe ficar num lugar onde sabe que existe gente. O desejo de encontro e de confronto é próprio da pessoa humana. No encontro com o outro, aprendo a conhecer a mim mesma e aprendo a conhecer o mundo. Arrisco-me e percebo que também eu posso dar alguma coisa. Quando um encontro é verdadeiro, a pessoa fica mais rica em humanidade. Pode-se partir para uma troca de informações mais ou menos úteis, mas se pode chegar a compartilhar a vida.

Cada encontro pode ser um chamado à existência. Nos olhos do outro, eu me vejo e percebo que existo. Ficar, portanto, nas praças para encontrar porções de humanidade é necessário a qualquer um que traz no coração o anúncio do Evangelho de Jesus.

Desde o início do seu pontificado, o papa Francisco está convidando os homens e as mulheres da Igreja a sair, a ir para as periferias da marginalização social e existencial, está convidando todos os cristãos a buscar

o encontro com quem não acredita, mas sente no coração um desejo de absoluto. Sair para ficar nas diversas praças da existência, onde convivem pessoas de diferentes culturas e religiões, homens de boa vontade e os indiferentes. É o nosso buscar fazer-nos próximos.

Quantas vezes ouvimos dizer, em várias ocasiões, e nas diversas etapas da vida do Instituto: “devemos ser comunidades abertas à acolhida”, “os nossos portões não devem ficar fechados”..., mas agora nos é pedido não apenas isso, mas também para irmos lá onde homens e mulheres estão inquietos e onde os jovens esperam a luz da mensagem evangélica.

O próximo, fundamentalmente, não existe em si mesmo, o próximo existe quando cada um de nós decide tornar o outro como seu próximo, fazendo-se próximo, indo-lhe ao encontro.

Por que esperar? Por que ter medo?

A praça do encontro pode estar logo depois dos nossos portões, ou no centro da cidade, ou ser uma praça virtual, ou um pátio das nossas escolas. É necessário retomar aquele dinamismo tipicamente salesiano que consiste em ir ao encontro de quem precisa de nós, sobretudo os jovens mais pobres e abandonados.

A praça do encontro é aquela da estação de Carmagnola, onde Dom Bosco se pôs a jogar com aqueles moleques e fez amizade com Miguel Magone. Dom Bosco viu-o, amou-o e o chamou à existência. E sabemos que o encontro resultou em santidade.

Encontro que me faz olhar para o outro na sua inteireza, em todas as suas dimensões e do qual me faço próximo pelo simples fato de que é uma pessoa.

Cada encontro, quando se torna verdadeiro desejo de conhecer e compartilhar com o outro, não dá espaço à indiferença. Cada encontro é motivo de interrogativos, de crescimento, de rejeição ou de aceitação. Cada encontro impele a fazer escolhas. E este não é um primeiro passo para a evangelização?

A praça do diálogo

Mas não existe o verdadeiro encontro se não existir o diálogo que é o caminho humano compartilhado por todos, crentes e não crentes, para juntos construir um sentido: é método que se torna um caminho conjunto. É o modo de buscar juntos a verdade.

Esta atitude que, para os cristãos deriva do fato de acreditar que cada homem enquanto tal é imagem e semelhança de Deus, dá forma histórica à mansidão, cria relações inspiradas naquela mansidão que para Paulo VI é a “característica própria do diálogo” (Eclesiam suam). O diálogo é o espaço substitutivo da violência e é praticado como caminho de construção de um mundo que acredita *na força da palavra e não na palavra da força*.

Quantas vezes o papa Francisco já convidou os Pastores da Igreja a caminharem com o próprio povo! E nós, como sentimos que é dirigido a nós este convite e colhemos o apelo urgente de caminhar em meio aos jovens, com eles e para eles? Fazendo um pedaço de caminho juntos significa, para todos, perceber que não estão caminhando sozinhos, significa considerar o confronto com os jovens uma oportunidade e uma riqueza a ser potenciada. Significa também verificar se a linguagem que usamos é adequada para ser entendida pelos nossos interlocutores, se as certezas sobre as quais nos fundamos podem ter uma base também humana, que se torne o lugar de aproximação com quem está mais longe do nosso credo, e se isto que apresentamos como instância ética superior tem uma valência antropológica também para quem não participa da fonte.

Para compreender-se melhor o sentido da palavra diálogo, entendido como instrumento para levar a boa Nova do Evangelho a todas as praças do mundo, nós nos reportamos a uma reflexão do Pontifício Conselho para a Cultura que, sustentando a iniciativa do Pátio dos Gentios, aprofunda a prática do diálogo, sobretudo quando se tece uma conversa com quem está longe da fé.

Em termos gerais, é apresentado como diálogo toda forma de encontro e de comunicação entre pessoas, grupos ou comunidades na intenção de realizar ou uma maior compreensão da verdade ou melhores relações humanas, numa atmosfera de sinceridade e de respeito pelas pessoas, e com uma certa confiança recíproca.

No texto são distinguidos três tipos fundamentais de diálogo:

- *encontro no plano das simples relações humanas*, que se propõe tirar os interlocutores do isolamento, da desconfiança mútua e criar uma atmosfera de maior «simpatia», de estima recíproca e de respeito;
- *encontro no plano da busca da verdade que*, tratando de questões de grandíssima importância para os próprios interlocutores, canaliza o esforço comum para uma melhor compreensão da verdade e um maior conhecimento das coisas;
- *encontro no plano da ação*, que tende a estabelecer as condições para uma colaboração em vista de determinados objetivos práticos, não obstante as eventuais divergências doutrinárias.

O diálogo implica uma certa reciprocidade, no sentido de que cada um dos interlocutores dá e recebe. Distingue-se do ensinamento, que é essencialmente ordenado à formação do discípulo que entra em colóquio com o mestre. O diálogo, além disso, não consiste propriamente num simples confronto a partir do momento em que deve tender a fazer com que as duas partes se aproximem e se compreendam mais.

O diálogo, por sua natureza, está ordenado a um recíproco enriquecimento. No diálogo com os jovens, ou com os adultos que não frequentam as nossas

obras com assiduidade, ou que estão longe da Igreja, não me passa pela cabeça como alguém que quer somente dar, arrogue-se o direito de conhecer toda a verdade.

Nós nos aproximamos destes jovens, destas famílias, na certeza de que também neles o Senhor nos fala.

Também nós podemos compreender algo mais sobre a humanidade, sobre a vida e, portanto, alguma coisa a mais sobre o que Deus quer de nós.

Aproximar-se do outro com humildade, sabendo ter recebido o grande dom da fé no amor de Deus, e de tê-la recebido gratuitamente, sem mérito algum, ajudará a abrir estradas e corações, a suscitar dúvida em quem não crê, a fazer nascer o desejo de aprofundar a fé, e não silenciar as perguntas essenciais sobre a própria vida, aquelas que cada pessoa traz no coração.

A praça do anúncio

Depois destes fatos o Senhor designou outros setenta e dois discípulos e os enviou dois a dois à sua frente em cada cidade e lugar para onde tinha de ir” (Lc 10, 1).

Israel acreditava que o mundo fosse composto de setenta e duas Nações, e de setenta e dois discípulos fala o versículo do evangelho de Lucas citado, onde o evangelista está dizendo às próprias comunidades de origem pagã que também a eles e não somente aos apóstolos, é confiado o anúncio do Reino.

Em um comentário a este trecho do Evangelho, que apareceu no site liturgia.it lemos que «os discípulos são enviados dois a dois: o anúncio não é manifestação da capacidade de transformar, do guru, mas profecia de possível comunhão. Devem preparar a vinda do mestre e não substituir-se a ele, não absorver a presença de Deus, mas ser transparência dela».

Não somos os proprietários do Evangelho, mas os servidores do anúncio, cada discípulo é chamado a comunicar Cristo ao homem que encontra. «Este é o desafio – continua o comentário – fazer Deus sair das Igrejas, levá-lo lá onde ele havia decidido viver, entre o povo».

Jesus indica-nos com precisão o estilo e a modalidade deste anúncio, o estilo a ser assumido. Os discípulos são enviados dois a dois, precedendo o Senhor. Não devemos converter ninguém: é Deus que converte, é Ele que habita os corações. Cabe a nós tão somente a tarefa de preparar-lhe o caminho. É ainda o Papa Francisco que nos dá o exemplo. Em uma de suas entrevistas, relatada ao fundador de um cotidiano nacional italiano *La Repubblica*, não crente, o papa antes de responder às suas perguntas, reitera que quando a Igreja se empenha no anúncio, não busca prosélitos, mas cumpre o mandato de Cristo, de continuar a dizer ao mundo que existe uma Esperança nova.

«O sinal de que se é enviado por Deus – continua o comentário – não é tanto a capacidade de dar, quanto a capacidade de apreender o bem da sua criatura. Tal sinal não consiste na pré-dica, mas na escuta. É a partir desta escuta que se desdobra a pregação. É na medida em que se dispõe a aprender a língua do lugar que é possível traduzir nela a Boa Nova. Caso contrário trai-se a Boa Nova».

Na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* n. 20, Paulo VI escreve: «Ocorre evangelizar a cultura e as culturas do homem – não de maneira decorativa, como um verniz superficial, mas de modo vital, em profundidade, até as raízes ». Eis porque é importante “frequentar” as diversas praças, para conhecer a humanidade que nos circunda, para encher a humanidade com uma mensagem de bem, de esperança, para dar a quem encontramos, sobretudo aos jovens, a possibilidade de escolher um caminho diferente, de optar pelo amor de Deus.

Os Evangelhos relatam como a Palavra de Jesus coloca em crise aquele que a escuta. E este também é o nosso escopo, quando nos colocamos nos lugares nos quais Deus é esquecido, nos quais se finge que Ele não existe.

Por meio da oferta da nossa escuta, de tomar sobre nós os sofrimentos, das esperanças, dos desejos de nossos interlocutores, convidamos os jovens a abrir-se à escuta da Palavra de Jesus que envolve completamente as suas emoções, os seus medos, a sua afetividade. A escuta não os pode deixar indiferente, mas mudar radicalmente a pessoa, porquanto não se trata de adquirir conceitos novos, mas de dar espaço a uma Palavra, a uma Pessoa, que pode tornar-se luz para o próprio caminho.

Também a nós, portanto, é pedido para aprender com Jesus que, caminhando pelas estradas da Galileia e da Judeia, quer encontrar o homem, entrar em sintonia com a sua vida, com a sua dor, com o seu pecado e com as suas esperanças. Os relatos evangélicos estão constelados de encontros por meio dos quais Jesus escuta o coração do homem. Observando a multidão numerosa que o segue para escutar a sua palavra, Jesus se comove, ouve o grito de um povo sem pastor, e por meio do milagre da multiplicação dos pães e dos peixes, preanuncia o grande dom da Eucaristia.

No Evangelho de Lucas é narrado um maravilhoso episódio no qual Jesus encontrando um cortejo fúnebre que acompanhava uma viúva no enterro de seu filho único, escuta o grito silencioso da mulher e movido pela compaixão, diz-lhe: “Não chore”. Com estas palavras Jesus entra com delicadeza no coração sofrido daquela mulher que ficara sozinha e, restituindo-lhe o filho, diz-lhe que Deus está com ela, que Deus é vencedor do sofrimento e da morte.

A praça como cruzamento de povos e culturas

Segundo a *Redemptoris Missio*, a missão não tem limites geográficos, interessa todo homem e mulher sobre a terra, onde quer que se encontrem. A missionariedade não é apenas uma questão de territórios geográficos, de culturas e de indivíduos, precisamente porque os limites da fé não atravessam apenas lugares e tradições humanas, mas o coração de cada homem e de cada mulher. O Concílio Vaticano II sublinhou de modo especial como o dever missionário, a tarefa de ampliar os limites da fé, esteja propriamente em cada batizado e em todas as comunidades cristãs.

O papa Francisco na mensagem para a Jornada Missionária mundial 2013 diz: «Cada comunidade é “adulta” quando professa a fé, a celebra com alegria na liturgia, vive a caridade e anuncia, sem parar, a Palavra de Deus, saindo do próprio recinto para levá-la também às “periferias”, sobretudo a quem ainda não teve a oportunidade de conhecer Cristo».

Isto porque segundo o papa o homem do nosso tempo «tem necessidade de uma luz segura que clareia a sua estrada e que somente o encontro com Cristo pode dar.

Trazemos para este mundo o nosso testemunho de amor, de esperança doada pela fé! A missionariedade da Igreja não é proselitismo, mas testemunho de vida que ilumina o caminho, que traz esperança e amor».

Mas a solidez da nossa fé, em nível pessoal e comunitário, mede-se também pela capacidade de comunicá-la aos outros, de difundir-la, de vivê-la na caridade, de testemunhá-la a todos quantos nos encontram e compartilham conosco o caminho da vida. É um convite a sair, a ser Igreja que comunica a fé como capacidade de “ir” como sinal da sua maturidade. O papa nos convida a ir pelos caminhos do mundo, fazendo referência a duas categorias evangélicas: a primeira é a de caminhar junto com os nossos irmãos, contemplando o ícone evangélico de Emaús, quando Jesus na tarde de Páscoa se faz companheiro com os discípulos e aquece os seus corações. A outra categoria é a da proximidade, segundo o exemplo da parábola do Bom Samaritano.

A missão nos põe a caminho. Ela nos impele a sair das nossas seguranças para abrir-nos ao encontro com os outros, com os mais afastados, nas praças e nas periferias onde a esperança é diariamente sufocada pela resignação e pela marcante cultura da indiferença. Tal zelo é inspirado no *Da mihi animas cetera tolle* que nos faz sair dos nossos pequenos mundos, para viver a experiência do encontro e do cansaço pelo anúncio e, às vezes também, pela falência.

“*Atrairei todos a mim*”, é o subtítulo deste Dossiê. NO Evangelho de João, no versículo 32 do capítulo 12, escreveu: “Quando for levantado da terra, atrairei todos a mim”, uma clara referência à Cruz, único caminho de salvação.

A nossa iniciativa de ir às praças onde a humanidade nos espera, não será simples, comportará de nossa parte, assumir a Cruz. Mas aqui está a certeza de que estamos percorrendo o caminho que Jesus mesmo nos indicou.

arcristaino@cgfma.org



Atrairei todos a mim **(Jo 12, 32)**

Este trecho vem logo depois da entrada de Jesus em Jerusalém.

O autor nos informa que entre aqueles que tinham ido à capital para a festa da Páscoa, estavam os Gregos, os quais pediram a Filipe para “ver” Jesus. “Ver” (grego “*idéin*”) em João tem um sentido muito rico: trata-se de ir além das aparências para tocar o mistério que elas escondem; então “ver” significa não apenas encontrar o Messias, mas sobretudo, reconhecê-Lo na sua verdadeira identidade, e acreditar n’Ele.

O desejo deles é sincero, firme e profundo: “*Queremos ver Jesus*”.

Filipe e André foram falar com o Mestre. Ele responde e vai ao cerne da questão e, em poucas palavras, revela-se a si mesmo convidando a considerar o mistério da Cruz. E o faz por quatro vezes: com a parábola do grão de trigo (12, 24), com as palavras para o seu seguimento dirigida aos discípulos (12, 25-26), com a descrição da luta que lhe invade a alma (12, 27-28), com a solene proclamação conclusiva (12, 32): “*Quando for levantado da terra, atrairei todos a mim*”. O que significa que não existe outro modo de falar de Jesus sem a Cruz.

Ileana Mortari

dma primeiro plano:

Aprofundamentos bíblicos,
educativos e formativos



UM OLHAR SOBRE O MUNDO



O mundo dos jovens dos Estados Unidos

Louise Passero

A inspetoria dos Estados Unidos foi fundada em 1908 e dedicada a São Filipe Apóstolo (SUA). Em 1987 a inspetoria foi dividida por causa das grandes distâncias entre uma costa e outra da Nação inteira. Atualmente, voar do leste ao oeste da USA é como viajar de Nova York a Roma.

A nova inspetoria (SUO) foi dedicada a Maria Imaculada. As inspetorias compartilham a responsabilidade da formação: as aspirantes de ambas as inspetorias permanecem nas respectivas casas inspetoriais, as postulantes fazem o seu ano de postulado em Bellflower, Califórnia e as Noviças fazem os dois anos de noviciado em Newton, Nova Jersey.

Neste momento histórico a formação é prioritária. Há seções para a Terceira idade em ambas as inspetorias onde as Irmãs podem continuar sentindo-se ainda úteis e dando sua contribuição para a vida de suas inspetorias. As postulantes também têm uma semana de workshop onde se ocupam com diversos aspectos da justiça social.

Entre os jovens, são muito populares as Redes sociais e isso questiona as que entram para a vida religiosa. Muitas chegam a compreender que elas não são o tesouro prometido, mas apenas instrumentos a serem usados com discrição.

Estamos fazendo as apresentações nas aulas, em nossas escolas, procurando ensinar às crianças e aos jovens que o uso correto dos meios de comunicação é absolutamente fundamental para a sua saúde mental e o seu bem estar. Os nossos objetivos educativos são orientados para os valores.

Os nossos jovens vivem em um ambiente multicultural e multiétnico, e isto é típico das nossas comunidades e lugares educativos, o que é natural para eles e facilmente aceito. Em muitas obras são acolhidos os filhos dos migrantes e, os que têm necessidade de assistência financeira, não encontram barreiras intransponíveis, porque a ajuda é colocada à disposição por meio das doações e das bolsas de estudo.

Tecnologia atraente

O nosso país é tecnologicamente muito avançado, e os estudantes nas nossas escolas têm a oportunidade de utilizar as últimas atualizações da tecnologia, mas também isto tem um aspecto negativo.

A tecnologia é sempre muito atraente e interessante aos jovens e, às vezes, alguns deles começam a pensar que ela é tudo na vida, e enquanto se tornam hábeis no seu uso, vão se preocupando sempre menos com os que estão ao seu redor e, paulatinamente, são levados ao isolamento. Além disso, é importante haver em cada escola pessoas que sejam tecnologicamente preparadas para ensinar a usar as tecnologias e para a manutenção dos computadores, iPad e outros instrumentos eletrônicos. Muitas escolas têm o seu site onde os pais podem encontrar não somente as informações a respeito da escola, mas também as comunicações, as tarefas, e as avaliações de cada aluno.

A moderação é o nosso objetivo. Há lugares onde o final da semana se torna um momento para

“desconectar-se”, desligando os dispositivos eletrônicos ou as possibilidades de acesso. O nosso trabalho com os jovens é procurar encontrar um equilíbrio.

Trabalhando com os jovens, constatamos que muitos deles possuem um altruísmo inato e procuram ajudar os outros.

Quando há, por exemplo, notícias de catástrofes naturais, imediatamente perguntam: “O que podemos fazer para ajudar?”.

Portanto, muitos se disponibilizam para dar algum tipo de assistência e ajuda, por exemplo, às populações do Haiti atingido pelo terremoto, ou vão ajudar a escavar poços em alguns vilarejos africanos.

Atentos aos valores propostos

Isto os torna conscientes de sua contribuição à sociedade, como foi indicado pela Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos (USCCB), e estão atentos ao que acontece no mundo. Quando há desastres naturais no nosso país, todos tomam conhecimento e os jovens e as comunidades educativas oferecem orações e pequenas ofertas, como aconteceu por ocasião da tempestade Sandy, das devastações do tornado no Midwest e das recentes inundações no Colorado. Participam de boa vontade dos diversos tipos de propostas como o Vides ou o Gospel Roads. O ensino superior e os estudantes

universitários prestam assistência prática além de desenvolverem programas para a Nova Evangelização e a preparação à Crisma.

Prestam-se a diversos serviços cotidianos ordinários como fazer visitas aos asilos de idosos e aos hospitais.

Para além daquilo que se aprende com os meios de comunicação, onde comumente são apresentadas as notícias mais escandalosas e mais difundidas, os nossos jovens estão muito atentos aos valores que lhes são propostos, sobretudo à solidariedade, à partilha, à acolhida.

Valores que, bem vividos na idade juvenil, permanecem como fundamento também na idade adulta.



ALMA E DIREITO



Ética e testamento biológico

Rosaria Elefante

O que é “possível”, “justo” ou “lícito” um médico fazer diante de um paciente não consciente ou *não competente*?

Quais são os limites a que um médico deve impor-se, segundo a ciência, a consciência e a responsabilidade, na gestão de um paciente *não competente*?

Olhando, quando é possível, os olhos de um paciente não competente, o médico pode confiar e contar com o seu *living Will* (testamento biológico)?

Pode considerar *atuais* as vontades expressas por aquele paciente três anos, um ano, um mês, uma

semana, um dia ou também uma hora antes? O que é tratamento agressivo? O que é inútil?

Estas são as perguntas contínuas que há anos muitos médicos de “fronteira”, especiais, porque especiais são também os seus pacientes porquanto todos estão afetados por uma falta (aparente ou não) de consciência, continuam a se colocar, formulando sempre mais novas instâncias ao biodireito que luta para manter o passo.

Na realidade, provavelmente não existe a padronização de uma resposta para estas perguntas. Isto é, não existe a possibilidade de dar uma resposta unívoca de absoluta certeza aos dilemas, não apenas

científicos, que possam afligir qualquer médico que se encontre diante de um paciente *não competente*.

As perguntas são todas do mundo médico, mas de setores completamente diferentes entre si. Apenas para citar alguns:

- Reanimação (ICU)
- Oncologia
- Geriatria
- Estado Vegetativo

São estes setores substancialmente diferentes que enfrentam instâncias, primeiro éticas e depois jurídicas, semelhantes, mas não idênticas. Não são setores combináveis nem na medicina.

Um paciente em ICU é diferente de um paciente em Estado Vegetativo e de um paciente oncológico. E também em uma mesma unidade, por exemplo, em ICU há diferença entre um paciente de 35 anos e um de 90, certamente não para fins de uma alocação de recursos, querendo manter-se bem distante da acelerada bioética utilitarista. E ainda, sempre em ICU, haverá seguramente diferença entre um paciente de 35 anos com patologia progressiva e um que não a tem.

O que pode ser definido com absoluta certeza como tratamento agressivo em ICU, talvez não o seja com tanta absoluta certeza na gestão de um estado vegetativo!

Deve ser dito que a recusa de tratamento pelo paciente (consciente) que segue a morte, talvez seja diferente da eutanásia, pois a falta de tratamento determinará como epílogo a morte do paciente pelo decurso da própria doença.

Pense-se no câncer ou na gangrena de um membro do qual o paciente recusa a amputação.

No estado vegetativo seguramente a suspensão da hidratação e alimentação assistida (isto é, por meio da sonda nasogástrica ou por meio da PEG) mesmo querendo entendê-la como tratamento médico e não como mera sustentação vital, o paciente morrerá não certamente pela patologia do estado vegetativo, se assim se pode dizer, mas morrerá por causa de uma série de complicações causadas pela desidratação e pela falta de alimentação, ou na melhor das hipóteses, por causa dos fortes sedativos administrados.

A linha limítrofe entre a *recusa do tratamento* e a *eutanásia* exigida pelo paciente é juridicamente clara, e o é também sob um perfil estreitamente ético e filosófico, mas na medicina esta *diferença não pode existir*.

A recusa de um paciente de amputar uma perna, para um médico equivale a dizer "quero morrer". A

recusa do posicionamento de uma PEG equivale a dizer "escolhi morrer!". Para o médico, rejeitar os tratamentos ou exigir a eutanásia significa substancialmente a mesma coisa! Mudam as modalidades e os tempos, mas a finalidade é a mesma: o paciente decretou a sua morte, na atualidade do momento e em plena consciência.

A problemática dos *living Will*, geralmente, aterrissa primeiro nas salas do Tribunal, onde juízes – adestrados por outros, não estão preparados no específico, também porque estão distantes daquilo que acontece realmente junto ao leito do paciente – procuram dar respostas baseadas um pouco sobre um direito que não existe e um pouco sobre o bom senso (altamente subjetivo), conseguindo quase sempre elaborar sentenças ou, mais em geral, medidas inadequadas, capazes de não satisfazer ninguém. A problemática depois chega à mesa do Legislador que, é constrangido, a contragosto, a fazer uma lei que busque tutelar todos os protagonistas do evento:

- os pacientes
- os indivíduos saudáveis que testam a partir de agora tratamentos que querem ou que outros recusarão por eles
- os médicos preocupados em saber quais sejam efetivamente e também juridicamente os seus limites (objetivos e subjetivos, ou daquele determinado paciente).

Neste ponto não resta senão denunciar um outro erro, muito mais grave, mas inevitável!

Se as instâncias médicas das quais falamos faz pouco tempo, são mal etiquetadas e reagrupadas *todas* sob o mesmo cartel do "Fim da Vida", incluindo o estado vegetativo, criando um erro de fundo, seguramente ainda mais errado é criar uma lei que pretenda ser pontual e analítica em relação a miríades de instâncias médicas específicas.

Depois desta breve panorâmica sobre as interrogações relativas aos *living will*, uma pequena embora significativa reflexão deve ser feita, e consiste em uma pergunta: «Pode o médico que prestou o juramento de Hipócrates e que portanto empenhou-se em *non laedere*, ou em não prejudicar, a tutelar o homem preservando-o também quando não pode mais curá-lo no mínimo dos sofrimentos, pode aquele médico agir para procurar a morte do seu paciente?

rosaria.elefante@virgilio.it

CONSTRUIR A PAZ



Promotores da Paz

Julia Arciniegas, Martha Seide

No mundo, são muitas as pessoas, as associações, as redes que promovem a paz. O conflito na Síria, nos últimos meses, apresentou-nos um verdadeiro mosaico de gente que deseja um mundo em harmonia, onde não assoprem os ventos da violência e da guerra. O eco do grito de Paulo VI no seu histórico discurso às Nações Unidas (4 de outubro de 1965): “*Jamais a guerra! A paz, a paz deve guiar as sortes dos povos e de toda a humanidade!*”, ressoou com força por ocasião da mobilização orante de 7 de setembro p.p., como resposta ao apelo do Papa Francisco, na trilha dos seus predecessores.

Pax Christi International

Entre os *promotores da paz* o movimento “*Pax Christi International*” é significativo. *Trata-se de* uma rede global católica fundada na Europa em 1945, com a convicção de que a paz é possível e que os círculos viciosos da violência e da injustiça podem ser quebrados.

Hoje o movimento conta com mais de 100 Organizações Membros em mais de 50 Países, nos cinco continentes. Ele envolveu também algumas Congregações Religiosas Internacionais, entre elas, o nosso Instituto FMA, primeiro como *partnership* e agora como membro.

De sua sede central em Bruxelas, o *staff*, com sentido ecumênico e inter-religioso, responde aos pedidos de ajuda por parte de grupos pacifistas locais nas regiões do mundo nas quais ocorre um conflito, e sustenta as coalizões internacionais que se ocupam de problemas atuais. Nos últimos anos desenvolveu campanhas permanentes para incentivar a paz no Oriente Médio. (Cf [HTTP:WWW.paxchristi.net](http://www.paxchristi.net)).

PAX: Unidade na diversidade

Por ocasião da oração pela Síria, o Prof. A. Papisca (Universidade de Pádua, Cátedra UNESCO em Direitos humanos, democracia e paz), na sua reflexão usou uma alegoria de Santo Antônio de Pádua sobre o tema da paz.

Partindo do trecho evangélico no qual por três vezes Jesus ressuscitado saúda os seus com as palavras: “A Paz esteja convosco”, o santo observa que na palavra paz – PAX – há três letras que formam uma só sílaba: nisto está representada a Unidade e a Trindade de Deus. Na letra **P** está indicado o Pai; na letra **A**, que é a primeira das vogais, está indicado o Filho, que é a voz do Pai; na letra **X**, que é uma consoante dupla, está indicado o Espírito Santo, que procede de ambos (do Pai e do Filho).

Então, quando Ele disse: *A Paz esteja convosco*, recomendou-nos a fé na Unidade e na Trindade (Cf *I Sermão*, trad. de G. Tellaro, Pádua, Ed. Massaggero, 1996). Aqui está a proposição da chamada *teoria trinitária da paz*, afirma o especialista citado. E prossegue: É a mensagem da unidade na diversidade, muito útil entre outras, para os programas de diálogo intercultural e inter-religioso, a serem desenvolvidos na ótica do trabalho em conjunto e da inclusão, a começar daqueles que estão em condições de maior vulnerabilidade. E ainda aqui surpreende a imaginação criadora e a sensibilidade ecológica de Santo Antônio: “Diz-se dos elefantes que, quando devem enfrentar uma batalha, têm um cuidado especial com os feridos: realmente, eles os fecham no centro do grupo juntamente com os mais fracos.

Assim também tu deves acolher no centro da caridade o próximo fraco e ferido” (3/9/2013).

Verdadeiros promotores da paz

De acordo com a mensagem para a Jornada Mundial da Paz 2013, que remonta à *Pacem in Terris* com o título: «*Felizes os promotores da paz, porque serão chamados filhos de Deus*» (Mt 5, 9), a paz é dom de Deus e obra do homem. Na verdade, a bem-aventurança de Jesus sobre a paz pressupõe um humanismo aberto à transcendência.

Quando é vivida no empenho cotidiano leva-nos a recuperar o dom da filiação e, por conseguinte, da fraternidade. Os verdadeiros promotores da paz são, portanto, aqueles que amam, defendem e promovem a vida humana em todas as suas dimensões. O promotor

da paz é aquele que busca o bem do outro, o pleno Nesta mesma linha, a Doutrina Social da Igreja é abundante sobre a necessidade de um empenho constante e responsável: “A paz constrói-se no dia a dia buscando a ordem querida por Deus e somente pode florescer quando todos reconhecerem as próprias responsabilidades na sua promoção” (DSC 495). Deste

bem da alma e do corpo, hoje e amanhã (cf n. 2-4). modo o promotor da paz é chamado a agir com compaixão, solidariedade, coragem e perseverança, segundo o que o Papa Bento XVI chama *uma pedagogia da paz*.

j.arciniegas@cgfma.org
mseide@yahoo.com

CONTRA

LUZ

Natal na Tunísia

A Tunísia é um País totalmente muçulmano e não tem comunidade cristã local. Salvo alguma rara exceção, os cristãos são todos estrangeiros vindos em grande número da África Subsaariana, da Europa e do restante do mundo. A festa de Natal é um dia normal, as pessoas vão trabalhar e apenas os cristãos a celebram nas suas Igrejas, com alta vigilância policial. Para a vigília de Natal de 2012, a orquestra sinfônica de Sfax ofereceu um concerto na catedral de Túnis. Todos os músicos eram de Túnis e, portanto, muçulmanos. Tocaram cantos natalícios em uma Igreja católica apinhada de gente. Uma solista cantou a *Ave Maria* de Gounod. Durante a Eucaristia, eles se colocaram discretamente nas laterais da catedral. Durante a ação de graças e o canto final uniram-se ao coral para os últimos cantos.

Naquele momento fraterno cantaram o nascimento de Jesus com os jovens. Deus uniu os corações para além das diferenças. Naquela noite de Natal, homens e mulheres, negros e brancos, alguns chineses, jovens e anciãos, muçulmanos e cristãos, compartilharam a alegria do nascimento do Senhor, o Príncipe da Paz.

A nossa comunidade pôde compartilhar esta experiência intercultural, inter-religiosa, sinal de que a Paz é possível. Isto fez nascer em nós o desejo de conhecer profundamente a alma muçulmana. Mais uma vez experimentamos a bondade e a simplicidade do povo de Túnis. Ser árabe não é sinônimo de ser terrorista, como os preconceitos e certas mídias querem fazer crer.

Ir. Maria Roher, missionária na Tunísia

FIO DE ARIADNE



Ousar

Giuseppina Teruggi

Acredita-se que um valor é autêntico quando é concretamente demonstrado pela vida. Ter a coragem de ousar: demonstra-o a experiência de uma jovem mulher que aprendeu na escola salesiana que é possível enfrentar também as situações mais difíceis. Com a convicção de que a vida sempre oferece uma nova oportunidade. Audácia, coragem de ousar: não significa não ter medo, mas prosseguir apesar do medo. Como? Mônica nos relata.

Cronistória de um ano e meio de desocupação

«No ano passado eu fui demitida pela empresa onde trabalhava. Faliu e, portanto,... todos para casa.

Durante alguns meses, procurei trabalho, então o desânimo, a pouca confiança em mim, a insegurança, fizeram-me desistir de continuar na busca e decidi dedicar-me mais aos meus familiares.

Éramos vizinhos de Mattia, um companheiro de classe de Davide Carlo, meu filho. No ano passado, quando estava no quinto ano elementar detectaram no seu cérebro, um tumor maligno inoperável. Assim, de um dia para o outro a vida desta família, e com ela

também a nossa, tomou uma direção inesperada. Duas crianças puras, tranquilas, boas e frágeis como os nossos filhos foram colocadas diante de uma realidade muito maior do que eles.

A família de Mattia, diante da morte quase certa do próprio filho; a nossa família, com a possibilidade de perder o único amigo de Davide Carlo. Uma realidade difícil de se explicar, de se aceitar, de se viver, de ser superada. Em primeiro lugar, ajudou-me a oração: pedia a Deus para me dar a capacidade de ficar ao lado da mãe de Mattia e do mesmo Mattia, de modo adequado.

Pedia também para ajudar-me como mãe a preparar o meu filho para qualquer coisa que Ele tivesse reservado para nós.

Mas tudo isso foi um *verdadeiro milagre*: a solidariedade, a oração de centenas de pessoas de toda parte, também de religiões diferentes, durante aquele período difícil. Tantas pessoas que, sem que lhes fosse pedido, encontravam-se rezando na paróquia, em outras igrejas, nos lugares de trabalho, nas escolas. Uma dificuldade que uniu muitíssimas pessoas foi a dupla intervenção cirúrgica de Mattia, depois de dois exames invasivos precedentes, cada um dos quais com a possibilidade de provocar danos irreversíveis. E depois das intervenções cirúrgicas, um ano de pesadas terapias.

Mattia agora está no Ensino Médio, está bem e a sua experiência ensinou-me a mim e à minha família, mais uma vez, como é efêmera a nossa vida e como devemos, vez por vez, agradecer ao Senhor tudo aquilo que diariamente nos concede. Porque cada dia da nossa vida é um dom que não deve ser jogado fora.

Aproximamo-nos de Yenía, a mulher, cubana, do meu primo Andrea, que lutou durante anos contra um tumor que não teve solução. Assim, em março do ano passado, quando não sabíamos o que iria acontecer com Mattia, os nossos primos, filhos de Yenía e Andrea, de 6 e 8 anos, perdiam sua mãe de apenas 39 anos. Foi doloroso acompanhar até o final o calvário de Yenía, que, no entanto, enfrentou com uma fé contagiante: com ela descobri o sabor da Palavra de Deus. Com ela repassei a Bíblia que, como evangélica que era, sabia quase de cor. E eu, que acreditava ser uma boa católica, tomei consciência de quão mínimo é o tempo que dedico a Deus, e quão pouca a atenção que dirijo à Sua Palavra. Nós dizíamos para Yenía – que até o fim acreditou na sua cura, para criar os seus filhos – que a sua doença era um vetor com o qual Deus despertava a fé de todos aqueles que a conheciam. Com ela falávamos de Deus, dos passos da Bíblia, como não se faz comumente com outras pessoas. E para mim era um prazer passar o meu tempo com ela.

Pequenas sementes lançadas na escola salesiana

De tudo isso ficou em mim o desejo de transmitir o que a minha Professora, Ir. Maria Letizia, havia me ensinado junto com as regras de Matemática, de Italiano, de História e de tudo o que pertence à escola, quando eu era pequena.

A fé em Deus Pai, os ensinamentos de Jesus de se amarem uns aos outros, de acolher e partilhar, a presença do Espírito Santo guiando nossas palavras e nossas ações.

Minha Professora lançou pequenas sementes no coração dos seus alunos. daquelas sementes nasceu, em cada um de nós, algo de especial: a fé em Deus. O que nós aprendemos foi o amor para com o próximo e estou segura de que se algum de nós acredita estar longe de Deus, na realidade não sabe que O tem dentro de si. Sim, porque ela nos ensinou um estilo de vida, o estilo salesiano, que nos deu meios favoráveis.

Nesses anos, encontrei alguns dos meus companheiros de classe. Um ou outro fala de padres e freiras com fumaça nos olhos... Mas, apesar das suas palavras 'duras', suas atitudes são 'boas'. Talvez não saibam que têm Deus dentro de si, certamente mais enraizado do que acreditam: a pequena semente, que nossa Professora semeou no seu coração, ainda está lá, viva, somente um pouco atrasada na maturação!

Um olhar novo

Eu me sinto amada por Deus. Não que não tenha encontrado dificuldades na minha vida, não que tenha sempre sido capaz de superá-las. No entanto, quando me perguntava: "Mas Deus, não se lembra de mim? Você não acha que me pôs à prova o suficiente? sabia que, apesar do peso a ser suportado, seguramente Deus conhecia o meu limite, e eu apenas devia ter confiança n'Ele, pois me havia dado a força de superar tudo e de aceitar o que tinha planejado para mim.

Aprendi que aquilo que quero nem sempre é o que Deus quer. Agora, para mim, cuidar da minha "mítica tia Carla" acolhendo-a em casa por um mês (porque quebrou o pé e não pode mais ficar sozinha), é um modo de retribuir-lhe o bem que recebi quando eu era pequena e muito cheia de defeitos: sempre me tratou com muita doçura e afeto quando os meus pais que trabalhavam não podiam fazê-lo, não me deixando sentir a sua falta.

Aprendi a ficar atrás de minha mãe, que perde a memória e de vez em quando faz seus caprichos. Ficou em nossa casa também ela por 15 dias por causa de um pequeno *ictus* e, depois, ainda por três semanas devido a uma cirurgia no pé, quando contemporaneamente Davide Carlo também estava num hospital de Milão para uma cirurgia. Um período que não acabava mais! Dizemos que foi um período um pouco complicado. Ter a casa como um pequeno hospital e um marido que, seja como for, não se lamenta dos desconfortos de compartilhar a cama

grande revezando comigo ou com Davide Carlo, para deixar a avó ou a tia com um pouco de privacidade. É uma demonstração de amor e de senso de família que vale mais do que mil palavras, não é mesmo? E pensar que há dois anos eu acreditava que o meu matrimônio estivesse no fim. Ao invés, recentemente renovamos a promessa de fidelidade na paróquia, depois de 15 anos juntos.

Mas as coisas bonitas não acabaram...

Toda a minha alegria de viver, apesar do que nos acontece ao redor, foi notada por uma mãe do oratório, que comentou com o Pároco. Pediram-me para me tornar Catequista! Com um pouco de insegurança e de inconsciência, mas com entusiasmo, aceitei. Assim vivi o meu primeiro ano como Catequista. Que empenho, que fadiga, quantas dúvidas, mas que satisfação: agora não sou mais a mãe de um filho único! A minha família ampliou-se somando 11 filhos e 22 irmãos/irmãs. Tornei-me amiga de quase todas as famílias. Espero que esta minha energia me ajude a aproximar-me da vida comunitária. Gostaria de conseguir transmitir às crianças e às suas famílias a coragem, a vontade de se amar, de se perdoar, de ajudar-se mutuamente, de ter um estilo de vida cristã. Porque somente com o exemplo dos nossos comportamentos, aqueles que nos ensinaram Jesus, poderemos suscitar as dúvidas em quem não é muito convicto!

Mas não termina aqui: meu filho, durante a celebração eucarística, vindo-me no altar, com as crianças do catecismo, e o seu amigo Mattia como coroinha, certo dia me disse: "Mãe, mas... você está no altar perto de Jesus, Mattia está perto de Jesus. Também eu quero fazer alguma coisa para ficar perto de Jesus. Nos bancos eu me sinto distante... O que eu posso fazer?" E assim também Davide Carlo ficou coroinha!

Hoje em dia, participo do oratório: sou uma das três mães da Secretaria. Ocupamo-nos das inscrições semanais, de fazer a chamada, registrando as presenças, da contabilidade etc. Às vezes erramos a contagem das refeições, nunca erramos a contagem dos recibos... e rimos bastante! É cansativo. Eu me dedico das 7h30 às 18h30. A minha casa se ressentiu, o marido às vezes fica cansado porque este empenho rouba o tempo à família. Todavia ele sabe que este trabalho me dá prazer e bem estar e, portanto, aceita.

Agradeço à minha Mestra pelas férias nas montanhas, no Vale d'Aosta: aprendi a amar o verde, a natureza, o silêncio e as caminhadas, mesmo debaixo de chuva. Obrigada pelas jornadas de retiro espiritual onde aprendi a ler a Palavra de Deus e a torná-la minha. Obrigada pela sua atenção à minha timidez que me ajudou a superar fazendo-me fazer 'teatro' na escola. Obrigada porque de vez em quando sonho encontrá-la pelo caminho em lugares nos quais é improvável encontrar-se, e quando a vejo corro-lhe ao encontro. Você retribui a minha alegria com um abraço também festivo: quando desperto estou serena!».

gteruggi@cgfma.org

PAPA FRANCISCO AOS JOVENS:

SUPLEMENTO FMA

***Hoje Jesus nos pede ainda: Você quer ser meu discípulo?
Você quer ser meu amigo? Quer ser testemunha do Evangelho?***

Jesus precisa de vocês, caros jovens!

Para que a minha fé não seja triste eu vim aqui para ser contagiado pelo entusiasmo de todos vocês! E estejam certos: o meu coração os abraça com afeto universal. Jesus com a sua Cruz percorre as nossas estradas e toma sobre si os nossos medos, os nossos problemas, os nossos sofrimentos, também os mais profundos. A Cruz de Cristo convida-nos a deixar-nos contagiar por este amor, a olhar o outro sempre com misericórdia e amor.

Não se esqueçam, caros amigos, vocês são o campo da fé! Os atletas de Cristo!



**NÃO TENHAM MEDO
DE LEVAR CRISTO A CADA AMBIENTE,
ATÉ ÀS PERIFERIAS EXISTENCIAIS,
MESMO A QUEM PARECE ESTAR MAIS DISTANTE,
MAIS INDIFERENTE...**

Francisco

dma em busca:

Leitura evangélica dos fatos contemporâneos



CULTURAS



Espera-se a coisa difícil

Mara Borsi



O poeta francês Charles Péguy em 1911 escrevia:

«Espera-se a coisa difícil, em silêncio e timidamente.

E a coisa fácil é desespero e é a grande tentação».

Palavras úteis em todos os tempos de crise.

A esperança é uma virtude de luta.

1943 Auschwitz: arame farpado, chaminés, fornos, fumaça negra e densa. Etty Hillesum, jovem mulher hebreia de 29 anos, escreve: «Mas o que você acha, quem não vê o arame farpado, os fornos crematórios, o domínio da morte?

Sim, mas vejo também um vislumbre de céu, e neste vislumbre de céu que tenho no coração eu vejo a liberdade e a beleza».

Agarrar-se àquela nesga de azul, de esperança, não é uma espécie de ilusão, mas uma secreta fonte de energia.

Como a fé, a esperança é uma virtude teologal: tem a sua fonte em Deus que a coloca como uma semente e como um princípio de ação no coração de cada

pessoa e tem como objetivo Deus mesmo, ancoradouro do desejo humano.

George Bernanos, escritor francês, coloca em evidência o aspecto da luta, do risco de enfrentar para ser pessoa de esperança: «A esperança é uma virtude, isto é, uma determinação heroica da alma. A mais alta forma da esperança é o desespero vencido... A esperança é então um risco que se corre. É ainda o risco dos riscos».

Na esperança se entrelaçam presente e futuro, constância, empenho e perseverança.

É virtude que rege a vida no presente alimentando-a e estimulando-a.

Aqui se enxerta a ética e o empenho social.

A esperança, precisamente porque é espera, mas não ainda posse, certeza, mas não evidência, conhece o arrepio do medo.

Karol Wojtyła, na *Bottega dell'orefice* escreve: «Não há esperança sem medo, nem medo sem esperança».

Não obstante esta aura de melancolia, a esperança é a chama para prosseguir na história. É a tensão que nos faz esperar o futuro mesmo sendo atraídos para o presente.

mara@cgfma.org

Testemunho de Ir. *Monique Amegnaglo (AFO)*

A virtude em prática. Escola alternativa: sinal de esperança para os mais pobres

A *escola alternativa*, com sede na paróquia Santo Antônio de Pádua, no bairro Zogbo de Cotonou (Benin), pertence à inspetoria AFO. Ela é uma das respostas mais adequadas às necessidades educativas de adolescentes e jovens que não tiveram, no tempo devido, a possibilidade de frequentar a escola. Esta proposta distingue-se da simples alfabetização.

A escola FMA nasceu em 2004. A comunidade, ao constatar no bairro o grande número de pré-adolescentes, adolescentes e jovens sem escolaridade, sentiu-se interpelada a enfrentar esta situação. Tudo começou com uma classe de vinte e cinco alunos nos ambientes da paróquia.

Em 2007, a companhia telefônica internacional MTN financiou a construção do edifício escolar porque os alunos que frequentavam a escola foram gradualmente aumentando. Atualmente há seis grupos divididos em três níveis que se alternam no decorrer do dia: três de manhã e três à tarde. As classes não ultrapassam 25 alunos. A idade dos destinatários vai de 11 a 18 anos. A frequência é de 4 horas por dia, de manhã ou à tarde, porque muitos moços/as devem trabalhar ou estão em treinamento. A organização da escola alternativa leva em conta a disponibilidade de tempo dos adolescentes, dos jovens e colabora com os empregadores e com os pais. Estes acordos com os

adultos de referência são indispensáveis quando se quer assegurar a continuidade da frequência. Na escola seguem-se programas da escola *acelerada ou alternativa* que foram preparados por um grupo de inspetores do Ministério da Educação com base nos programas normais, mas reduzidos ao essencial.

O Estado está realmente procurando promover o mais possível este tipo de escola.

Os funcionários estatais demonstraram-se muito interessados pela nossa experiência e, nos numerosos seminários dos quais fomos convidadas a participar e a partilhar o nosso trabalho educativo, M. Paul Bohissou, diretor da escola alternativa FMA, foi muito apreciado, assim como os nossos programas que são agora experimentados em nível nacional. Os resultados nesses anos foram sempre bons, dentro do normal segundo a média nacional. Em 2011-2012, a média era de 78% e nós alcançamos 92%.

A escola é uma verdadeira fonte de esperança para as jovens gerações do bairro. Ela abriu novos horizontes aos jovens e às famílias. Moças e rapazes tomam conhecimento de suas capacidades assim como os empregadores, os pais, os vizinhos. Graças à escola constata-se uma real mudança em nível de pensamento, de comportamento. A vida mudou.

O sucesso da escola alternativa demonstra que “em cada jovem existe um ponto acessível ao bem”. Então cada pessoa traz em si o germe da esperança. Todos nós temos a responsabilidade de ser ocasião favorável à prática desta virtude teologal. Isto requer atenção a nós mesmos para não “deixar que roubem a nossa esperança” e para dar as razões da esperança com criatividade. A verdadeira fonte da qual recebemos esta virtude é Jesus.

PASTORALMENTE



A animação vocacional para um discernimento

Palma Lionetti

Vive-se de eventos, mas se pode também morrer no sentido de que viver com os faróis apontando constantemente para os eventos pode impedir que vejamos além, pois tudo aquilo que está além daquele



feixe de luz permanece no escuro ou seja os rostos dos jovens, a sua vivência humana e de fé.

Pode-se cair no risco de passar de um convênio ao outro, de um evento ao outro, mas no “terreno do meio”

da cotidianidade os jovens sejam deixados sozinhos. Acontece que não se acha mais tempo para fazer grupo, para ficar juntos, para encontrar-se, para aprofundar um tema, para fazer um retiro juntos, para programar e gerenciar um acampamento escolar. É importante jogar esta partida entre “o extraordinário e o ordinário”.

Podemos até organizar jornadas fantásticas “Vem e Vede”, as caminhadas, as peregrinações, as reuniões, mas a eficácia dessas situações intencionalmente vocacionais acontece quando em um dia qualquer, em um momento qualquer, com o mesmo sorriso de “evento excepcional”, convidamos para almoçar, jantar, rezar com os meninos ou, melhor, quando são eles mesmos que nos pedem e encontram em nós a prontidão do amor que acolhe, sem esperar muito, caso contrário os jovens se afastam e não voltarão mais a nos procurar.

A pastoral juvenil e, especificamente a vocacional, não pode ser identificada pela comunidade eclesial ou religiosa em eventos, em encontros, preferivelmente de massa. Ao invés, deve ser levado em consideração de modo mais acentuado, o liame destes eventos com a vida cotidiana que hoje tende a enfraquecer-se sempre mais.

Poderia abrir caminho, a convicção de que uma boa pastoral juvenil e vocacional possa ser feita pela inspetoria ou pela sua equipe vocacional, mesmo sem o caminho de base, sobretudo sem o caminho em grupo promovido por uma concreta comunidade territorialmente colocada. Os educadores nem sempre conseguem ser para os jovens aquela presença que vibra com o que vive e que vai, então, em busca de instrumentos e técnicas, confiando sempre a mensagem a ser dada a alguma coisa que está fora de nós.

«Para o Papa Francisco não existe uma mensagem e um meio. Mas existe uma mensagem que plasma e modela a forma pela qual se exprime. A primeira forma é o seu próprio corpo. O Papa Francisco gerencia a sua própria corporeidade de maneira naturalmente comprometida com o interlocutor. Não tem uma compostura rígida, mas uma flexibilidade que ora o leva a assumir uma profunda concentração, como acontece quando celebra a missa, por exemplo; ora uma espontaneidade com a qual surpreende e agrada. A estátua mais famosa de Santo Inácio que está em Roma na Igreja de Jesus, o faz aparecer como se fosse uma chama. Aqui está, o Papa Francisco gerencia a sua corporeidade assim, de maneira plástica, assumindo a postura que a mensagem que quer comunicar exige. Transforma-se ele mesmo em “mensagem”. Se isto vale para o seu corpo, vale também para a sua voz e para a comunicação epistolar que lhe é muito cara» (A. Spadaro). Eis porque o excepcional destes “gestos normais” de Francisco continua a nos surpreender. Aqui não há nenhuma

estratégia de comunicação: há somente uma vontade de ser ele mesmo e de ser pastor como sempre foi. «Lembremo-nos daquilo que ele disse em uma entrevista no Brasil: Se você vai ver alguém a quem quer muito bem, com vontade de se comunicar, vai visitá-lo dentro de uma caixa de vidro? Eu não podia, disse então o Papa, vir aqui para ver este povo, que tem um coração tão grande, atrás de uma caixa de vidro.

Para o Papa Francisco a Igreja é a “santa mãe Igreja”: é mãe, e – disse ainda Bergoglio – não existe nenhuma mãe “por correspondência”. A mãe dá afeto, toca, beija, ama... A linguagem do Papa Francisco não é especulativa, mas missionária, proferida não por ser “estudada”, mas por ser “escutada”, alcançando logo quem quer que o escute, de modo que reaja» (A. Spadaro).

Talvez a nossa pastoral juvenil e vocacional tenha necessidade de “um corpo” além de “uma alma”. Então, agora mais que nunca, trata-se de dar “carne” às nossas “cartas” pastorais, pensando que o primeiro e fundamental meio de comunicação pastoral é, não somente a relação pessoal, mas o nosso corpo. A pessoa do comunicador pastoral reveste-se de um papel fundamental no modo como se apresenta e é percebido como pessoa. Josef Goldbrunner, psicólogo e professor de teologia pastoral, escreveu a respeito disso já em 1971 colocando em evidência cinco critérios, dimensões ou níveis de comunicação pastoral:

A dimensão emotiva, ou seja, a consciência da própria disposição emotiva e de qual é a impressão que suscitamos nas pessoas. Como os outros nos percebem e que emoções suscitamos nelas?

A disposição intelectual refere-se à capacidade intelectual e ao seu emprego por parte do comunicador pastoral e daqueles que lhe são confiados. As ideias e a razão somente, não bastam para despertar a fé, mas são sempre um caminho para levar a crer.

A dimensão arquetípica, isto é, há reações que frequentemente põem um obstáculo a uma comunicação total. Arquétipos como o pai e a mãe, o irmão e a irmãs, etc... como vamos comunicar?

A dimensão existencial refere-se à relação profunda que existe ou que se pode desenvolver entre o comunicador e o seu interlocutor produzindo em cada um os seus efeitos, facilitando ou não a escolha da fé.

A dimensão propriamente mais espiritual, a realidade espiritual se tornará tanto mais viva e radiosa quanto mais o comunicador se deixar conduzir pelo Espírito. E assim comunicador pastoral coincidirá com comunicador espiritual e o ordinário será a pérola preciosa do extraordinário.

palmalionetti@gmail.com



Um verão de jovens em movimento

A Redação



Os eventos vividos por milhões de jovens durante a Jornada Mundial da Juventude (JMJ) no Rio de Janeiro, de 23 a 28 de julho de 2013, foram ricos de significado para quem participou e para quem seguiu à distância. Todos os discursos do Papa Francisco, os seus convites, as palavras ditas com força e entusiasmo encheram o coração de uma Igreja que procura novos caminhos e uma coragem renovada para continuar a sua obra de Evangelização.

O entusiasmo dos jovens, a sua vontade de encontrar-se com coetâneos dos diversos continentes, os seus sorrisos, o seu saber adaptar-se às situações, aos imprevistos, o seu desejo de começar a ser protagonistas, restituíram à Igreja vigor, força, coragem. Os jovens do Movimento Juvenil Salesiano (MJS) foram protagonistas, juntamente com todos os outros jovens do grande evento da JMJ no Rio.

Sobretudo o dia 24 de julho foi uma jornada importante para o MJS quando no Colégio Salesiano Santa Rosa em Niterói-RJ celebrou-se, pela manhã, o Fórum mundial e à tarde o encontro mundial do MJS.

Quatro pontos programáticos

O Fórum contou com a participação de 34 delegações nacionais: mais de 160 jovens, Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora que aprofundaram a

dimensão da missionariedade na Espiritualidade Juvenil Salesiana. Ao acolherem e saudarem os participantes, os dois Delegados para a Pastoral Juvenil, Pe. Fábio Attard e Ir. Maria del Carmen Canales, desejaram que os frutos do trabalho, como nas precedentes edições do Fórum, pudessem ter uma grande importância em níveis nacionais e inspetoriais.

Qual é o sentido do serviço que frequentemente se torna poder por parte de quem o exerce? como fazer do voluntariado uma forma de transformação social? como fazer para que os jovens encontrem Jesus em uma sociedade que tende sempre mais ao laicismo? como a Família Salesiana pode assumir o MJS de modo que este se torne mais categórico na realidade social? Foram as perguntas postas no final da manhã por alguns jovens ao Reitor-Mor e à Madre Geral.

Na homilia, durante a Celebração Eucarística, o Reitor-Mor, comentando o Evangelho das núpcias de Caná, ofereceu quatro pontos programáticos para os jovens do MJS, três inspirados em Maria e um, nos discípulos: ficar atentos e estar presentes, não como espectadores, e colher as necessidades dos outros; fazer referência a Jesus; “fazer o que ele diz” porque é um ponto fixo que dá segurança e esperança; e, enfim, aderir a Ele.

O Fórum prolongou-se também durante a festa que foi organizada com a ideia de um grande oratório com diversas atividades: em quatro tendas alguns jovens que haviam tomado parte no trabalho da manhã compartilharam, em diversas línguas – francês, português, inglês e espanhol – a experiência do Fórum e a mensagem do Reitor-Mor e da Madre.

Apesar de uma chuva lenta e constante, não faltaram as atividades programadas: as danças e os cantos típicos das várias culturas presentes e, à noite, uma comédia musical sobre Dom Bosco.

À noite, no grande ginásio coberto, realizou-se uma vigília de oração que, como em Madri em 2011, incluiu a adoração da Cruz, a acolhida da Palavra, e no final um momento de silêncio em adoração eucarística.

A jornada salesiana da JMJ no Rio de Janeiro encerrou-se com a dúplici boa noite de Madre Yvonne Reungoat e do Reitor-Mor. Ambos convidaram os jovens a olharem para Jesus. Madre Yvonne sugerindo as atitudes da escuta, da alegria e da consciência de ser um movimento mundial; Dom Chávez sugerindo as atitudes de assumir a Cruz, lembrando que quando João Paulo II tornou viável a experiência das JMJ confiou-a aos jovens, e da disponibilidade para serem jovens missionários em favor dos jovens mais necessitados e pobres materialmente, moralmente e culturalmente.

Partilha direta

O Fórum quis reforçar a dimensão eclesial, carismática e social do caminho feito pelo MJS, por meio de uma partilha direta entre os jovens chamados, também eles, a transmitirem o que viveram aos seus companheiros.

Para os delegados das diversas delegações, a experiência do Fórum e da festa MJS não deve ser arquivada, mas prolongada nos ambientes locais porque projetam caminhos novos e concretos na pluralidade dos grupos locais dos quais se alimenta o MJS.

A experiência dos diversos grupos nos diversos países facilitou a comunicação da reflexão que já havia se realizado nos próprios contextos: ser missionários. Uma dimensão da Espiritualidade Juvenil Salesiana. Madre Yvonne Reungoat, presente ao Fórum de Niterói, assim comentou: «Os jovens não podem guardar esta mensagem do amor de Deus somente para si, devem comunicá-la aos outros, não apenas com as palavras, mas também com gestos concretos. Os jovens do MJS são chamados a serem símbolos de esperança para outros jovens, porque assim fez Jesus.

Os jovens do MJS demonstraram sua grande alegria ao sentir-se fazendo parte de um movimento mundial. Muitos deles expressaram o desejo de se tornar autênticos missionários entre os seus coetâneos, procurando o modo de compartilhar de maneira eficaz a beleza e a alegria de ter uma relação pessoal com Jesus.

EM DIÁLOGO



Entrevista com Pe. Peter Zago e Ir. Teresa Szewc

Debbie Ponsaran



Pe. Peter Zago, nascido em Pádua, é missionário salesiano desde 1969: Índia, Filipinas, Papua Nova Guiné, Indonésia, e desde 2001, Paquistão. As fma não estão presentes no Paquistão e o Pe. Peter manda as vocações paquistanesas às Filipinas onde atualmente há uma noviça e duas aspirantes.

Ir. Teresa Szewc, polonesa, é a diretora da comunidade FMA de Mosca, Rússia, onde a religião oficial é a ortodoxa.

Durante o comunismo, boa parte da população tornou-se atea.

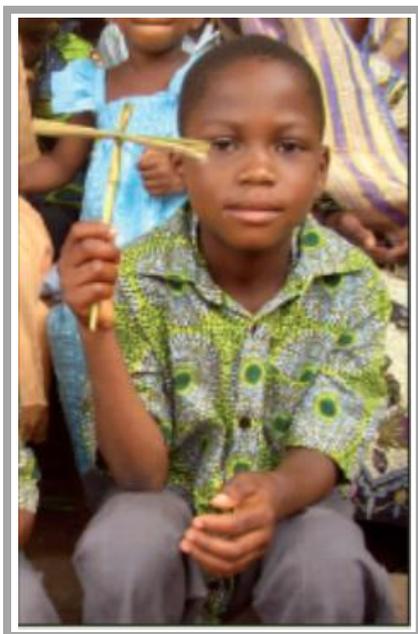
estímulos, canais, dispositivos corre o risco de ser “silenciada” pela superabundância de informações.

O tema deste último número do ano, está extremamente relacionado com o Dossiê *Entre Palavra e palavras* (DMA 5-6). Quais linguagens, narrações, expressões, relações podem ser ativadas para iluminar o homem e a mulher contemporâneos com a “luz da fé”?

A narrativa como uma nova geração

A era digital obriga-nos a mudar o modelo comunicativo: daquele (assim chamado) de “um-para-muitos” dos meios de comunicação de massa ao de “um-para-um” e “muitos-para-muitos” dos meios de comunicação pessoais. O processo comunicativo é repensado em termos de interação, compartilhamento, participação, mais que transmissão. Olhando com atenção, é o modelo que percorre toda a história da salvação, que narra a comunicação de um Deus-próximo ao homem e à vida inteira do homem. Deus entra em diálogo com ele. Um “*face a face*” que, no Verbo feito carne, atinge o ápice: Jesus na sua comunicação aponta diretamente para a vida de quem está à sua frente, escuta e responde, fala e cala, toca e cura.

É na unidade do olhar e das palavras que a comunicação nasce e renasce: «Graças a esta união com a escuta, o ver se torna seguimento de Cristo, e a fé aparece como um caminho do olhar, no qual os olhos se acostumam a ver em profundidade» (LF 30).



Hoje corremos o risco de aperfeiçoar notícias e de ser incapazes de narrar. Segundo Ricoeur, a narração é uma «palestra ética que nos obriga a discernir entre o

que é importante e o que não é, a colocar em ordem os acontecimentos segundo um fio de conexão capaz de interpretá-los, a tomar posição sobre o que é bem e o que é mal» e Batchin sustenta que «é sempre “polifônica”, porque entrelaça as vozes e os eventos de muitos, e também “policrônica” porque abarca presente, passado e futuro, biografias pessoais e história coletiva».

Pompili afirma que narrar é «um modo de transmitir aquilo que se recebeu, para que, por sua vez, possa ser transmitido. Um modo concreto, plástico no qual o que tem valor universal se torna compreensível através de imagens ligadas à vida. Pensamos no valor das parábolas no Evangelho, relatos-imagens capazes de conectar vida cotidiana e vida eterna, simplicidade e grandeza, materialidade e espírito».

Talvez seja o caso de nos perguntarmos se ainda sabemos relatar, narrar uma experiência pessoal, ou da nossa comunidade, do Instituto, da Igreja para que ainda exista quem diga: «Encontramos... Venham e vejam!».

Ou talvez o esforço para relatar e o fato de às vezes haver escolhido estilos comunicativos rígidos, formais, abstratos nos afastaram do concreto, do sofrimento, das feridas... e fizeram com que a vida religiosa, o cristianismo perdesse a «evidência social»?

O Papa Francisco, no Brasil, refletindo sobre a fuga dos cristãos da Igreja católica, convidou os bispos a se perguntarem: «por quê?». «Talvez a Igreja tenha se demonstrado muito fraca, talvez muito distante de suas necessidades, muito pobre para responder às suas inquietações, muito fria diante delas, muito autorreferencial, prisioneira das próprias linguagens rígidas, talvez o mundo tenha feito da Igreja uma relíquia do passado, insuficiente para as novas demandas; talvez a Igreja tenha respostas para a infância do homem, mas não para a sua idade adulta».

Colocar-se a caminho e caminhar com todos

A Rede é cenário de ação social, «lugar da revelação de necessidades antigas que a humanidade não cessa de tornar a buscar».

A necessidade de relação que o atravessa, e que transparece nas entrelinhas dos *post*, nos *sms* e nas mensagens de *WhatsApp*, pode ser ocasião para retomar fios de contato, espaços de narração porque relatar é traduzir a experiência fazendo dela um dom aos outros, colocando-se a caminho, juntamente com os homens e as mulheres no seu mesmo ritmo, no seu mesmo passo.

«Precisamos de uma Igreja – diz ainda o Papa Francisco – que não tenha medo de entrar na sua

noite. Precisamos de uma Igreja capaz de encontrá-los no seu caminho. Precisamos de uma Igreja capaz de inserir-se na sua conversão. Precisamos de uma Igreja que saiba dialogar com aqueles discípulos, que, fugindo de Jerusalém, vagueiam sem meta, sozinhos, com o próprio desencanto, com a desilusão de um Cristianismo já considerado como um terreno estéril, infecundo, incapaz de gerar sentido. [...] Precisamos de uma Igreja que perceba como as razões pelas quais há pessoas que se afastam já contêm em si também as razões para um possível retorno, mas é preciso saber ler o todo com coragem».

Cabe a nós a decisão de tornar tudo isso possível e fazer com que a cultura atual seja a casa do Evangelho de Jesus.

Como? “Si fa X dire” 2014 procurará oferecer algumas pistas de reflexão em torno de alguns verbos que se usam ao comunicar e evangelizar: *conectar, hospedar, participar*.

Até o próximo número!

mac@cgfma.org

MULHERES NO CONTEXTO



Fé e resiliência: existe um liame?

Bernadette Sangma



«Eu era uma jovem universitária e olhava para a vida com muita esperança, sonhando grande e projetando coisas belas para o meu futuro, mas tudo foi por água abaixo com um acidente do qual sai aparentemente sem nenhuma ferida externa. Poucos dias depois, de repente, fiquei imobilizada, paralisada do pescoço para baixo. Fiquei arrasada».

Assim descreve Winnie Mugure como foi a sua reação inicial às consequências do acidente, acontecido há catorze anos.

Desde então está numa cadeira de rodas. Mas Winnie é uma mulher vencedora.

Eu a conheci no Instituto para a Pastoral Juvenil – Tangaza (Nairobi). Em nossa interação, reconheci nela uma mulher de fé e de forte resiliência.

Como foi a recuperação do acidente?

Winnie: Foi um processo longo e árduo. Inicialmente, parecia-me estar dentro de um túnel escuro e negro com o meu corpo esmagado. Muitas vezes perguntei ao Senhor qual era o sentido de tudo aquilo que estava acontecendo comigo.

Parecia-me que recebia o mal em troca do bem que havia tentado fazer.

Na Faculdade, eu era a catequista dos meus companheiros e os preparei para os sacramentos da iniciação cristã.

Pouco a pouco comecei a me retomar e enquanto os pedaços da minha vida se recompunham ouvia como se fosse um sussurro: ‘Winnie, tudo é graça!’. Isso me ajudou a enfrentar a nova situação. Posso dizer que, desde então, a minha cura deu uma virada positiva não tanto no sentido físico, mas em nível emotivo-espiritual.

Convenci-me de não me deixar definir pela situação de minha deficiência física.

O que faz atualmente?

Winnie: Do ponto de vista acadêmico, estou completando a tese de doutorado.

No tempo do acidente, faltavam-me alguns exames para concluir o bacharelado.

Por causa da paralisia, havia perdido o uso das mãos e não podia mais escrever, mas a universidade concedeu-me a possibilidade de fazer exames oralmente.

Depois de oito anos, pude recuperar o uso das minhas mãos e voltei à universidade completando a minha segunda licenciatura em educação, em 2008. Agora eu me inscrevi no doutorado em Psicologia da Educação, e estou fazendo a tese.

Do ponto de vista do trabalho, leciono em tempo parcial numa escola secundária e, quando há oportunidade, sou consulente no colégio dos Jesuítas e no centro de atendimento dos Camilianos. Além disso, faço voluntariado no atendimento domiciliar para os doentes terminais e no hospital de Nairobi para os traumas da coluna vertebral, dos quais também eu sou vítima.

Qual é a seu ver a situação de uma mulher com deficiência?

Winnie: A vida de uma mulher com deficiência é marcada por uma dupla desvantagem. Fica à margem porque é mulher e mais ainda porque tem uma deficiência. Portanto a sobrevivência é dura pela dupla discriminação. Isto se experimenta, sobretudo na busca de trabalho.

Entusiasmam-se com o meu curriculum vitae, mas quando me veem em pessoa, quase subitamente a deficiência cria distância e em seguida rejeição, mesmo se sou qualificada.

Aconteceu-me também de ter vencido um concurso para um posto de trabalho na China. Estava pronta para a partida, mas me detiveram no dia anterior.

Hoje se fala do assim chamado “*affirmative action*”, ou seja, a “discriminação positiva” para os grupos sociopolíticos em desvantagem.

O escopo destas políticas é tutelar os efeitos de qualquer desvantagem que a pessoa traga consigo, mas a comparação com a realidade cotidiana é totalmente outra. É considerada uma cidadã de segunda classe. Precisa, então, ter uma grande força para não se render e ir adiante com audácia.

Qual é o segredo da resiliência que você demonstra?

Winnie: No início desta aventura, surpreendi-me bradando ao Senhor e lhe perguntando o “porquê” desta história.

Perguntava-lhe que sentido tinha o meu sofrimento naquele leito de hospital.

Enquanto estava neste estado lembrei-me de uma experiência que havia feito com um grupo de estudantes universitários. Eu os havia acompanhado a uma fábrica de coca-cola. Um funcionário, nosso guia, explicou-nos como esta bebida é fabricada. Disse-nos que é preparada com a água da torneira fazendo-a passar por um processo de purificação. Disse que o processo garante tal purificação que se poderia usar até a água suja de um canal para se chegar ao mesmo produto.

Enquanto estava imobilizada no leito, veio-me à mente esta explicação.

Como a água na preparação da coca cola, estou em um processo de purificação intensa na fábrica de Deus para me tornar uma obra-prima com marca divina.

É Ele o artista supremo da minha vida!

A palavra-chave que me sustenta está no livro de Jeremias: “*Somente eu conheço os planos que tenho para vocês, diz o Eterno: prosperidade e não desgraça e um futuro cheio de esperança*” (29, 11).

A experiência da deficiência que trago comigo tornou-me muito sensível aos sofrimentos das outras pessoas. Hoje, sou consulente psicológica para aquelas pessoas que, como eu, são vítimas de traumas na coluna vertebral. Percebo que posso falar-lhes com muita credibilidade porque sou uma delas. Isso me ajuda também a facilitar-lhes sua reaproximação de Deus.

sangmabs@gmail.com

No próximo número



DOSSIÊ: Palavras e gestos: *confiança e ternura*

FIO DE ARIADNE: Ingratidão

PASTORALMENTE: JMJ e itinerários de educação à fé

EJS/CULTURAS: A espiritualidade salesiana: uma proposta a ser vivida com paixão

UM OLHAR SOBRE O MUNDO: Índia unidas por uma sociedade melhor



O SOL DENTRO

de Paolo Bianchini, Itália 2012

Mariolina Perentaler



«*O sol dentro* chega à escola», registra com a maior satisfação a Agiscuola. A película foi reconhecida como *filme de interesse cultural e filme para jovens*, pelo Ministério para os Bens e as Atividades Culturais, e teve exatamente o patrocínio da Agiscuola com a seguinte motivação: «A simplicidade narrativa, a total ausência de imagens violentas, ou que possam perturbar a sensibilidade dos menores, ligada à força e à universalidade dos argumentos tratados e das reflexões, tornam o filme adaptado a todos os níveis de ensino e a todas as faixas etárias».

Aplaudidíssimo na 42ª Edição do Giffoni Festival Filmes, foi-lhe concedido o 2º prêmio como melhor filme e a confirmação de que uma de suas características está na capacidade de veicular mensagens e valores fundamentais, divertindo e interessando os jovens. «Na minha opinião, este é um filme que nos ensina a fraternidade e o respeito pelos outros, a integração e a simplicidade, os valores autênticos da amizade» – comenta no Facebook um garoto de doze anos. A história dos dois protagonistas Yaguine e Fodé, aconteceu realmente em 2 de agosto de 1999!

Heróis desconhecidos

“O sol dentro... o sol no coração”, sintetiza full-2000, em 2 de dezembro de 2012. O filme relata duas histórias: uma verdadeira e outra construída, mas trata de acontecimentos reais. A primeira é a história da longa viagem de Yaguine e Fodé, dois adolescentes da Guiné que, às vésperas do novo milênio, escreveram uma carta endereçada “Às suas Excelências e membros responsáveis da Europa”, em nome de todas as crianças e adolescentes africanos.

Escondem-se no carrinho de um avião para alcançar Bruxelas e solicitar dos políticos que se ocupem da África, sua terra mãe. Mas ali, ignorando o que poderia acontecer, encontram a morte. Um controlador de voos rastreia seus corpos congelados. Uma mulher, chocada com o evento, começará a trabalhar para a Unicef e se transferirá para a Guiné a fim de impedir que outros adolescentes africanos pudessem ter o mesmo destino.

A história deles entrelaça-se com a segunda história que relata outra viagem, desta vez de volta: da Europa para a África.

Dez anos depois a viagem é feita por dois outros adolescentes e uma bola, Thabo e Rocco, um africano e o outro italiano, de Bari.

São vítimas do mercado de meninos jogadores de futebol, do qual procuram fugir: uma verdadeira exploração em que os adolescentes com frequência são afastados das famílias, “usados” e abandonados quando não servem mais.

Bons amigos, brincando com a bola, sua única companheira de viagem, atravessam a pé metade do continente africano percorrendo ao inverso um dos caminhos intitulados da esperança. Eles também são chamados “os caminhos dos sapatos”: são 7 percursos que atravessam o Saara repletos de sandálias e restos, deixados durante anos por milhares de homens, mulheres, crianças, em fuga da carestia e das guerras.

Esta interminável viagem também se conclui alcançando a meta do modo mais inesperado: N’Dola, pequeno vilarejo da África equatorial e país natal de Thabo, onde no campo de futebol dedicado a Yaguine e Fodé, espera-os um treinador especial: é Clara, a voluntária da Unicef transferida para a África, que cuidará da reinserção deles. Todos a chamam de “macarrão e feijão”.

“Por que este filme?”, pergunta-se, na entrevista, mais explicitamente a Bianchini, diretor e embaixador da Unicef.

Responde: «Suas excelências os senhores membros e responsáveis da Europa. Temos a honra, o prazer e a grande confiança de lhes escrever esta carta para falar-lhes da nossa viagem e do sofrimento de nós crianças e jovens da África...», escreveram os corajosos adolescentes mortos congelados no vão do carrinho do avião.

Diante destes fatos fica-se indignado e, geralmente, com um grande sentimento de impotência. Eu decidi comprometer-me a falar sobre isso. Portanto, eu com minha mulher, pusemo-nos a trabalhar para conseguir este filme que nós mesmos produzimos.

O escopo deste filme não se esgota com a visão do mesmo. Quando na sala as luzes são ligadas, o filme começa a viver. (...) Organizamos uma projeção em

Roma na Câmara dos deputados, escrevemos ao Presidente da União Europeia informando-o do filme, começamos uma iniciativa junto com os estudantes do Ensino Médio Majorana, de Guidonia, que traduziram a carta em todas as línguas do mundo e a postaram na rede (...). Você não pode imaginar o que nasceu dali.

Criou-se um movimento espontâneo que, desejamos, continue para além do filme e produza os seus frutos. Produza 'Futuro', não somente para os jovens da África, mas do mundo inteiro (...).»

m.perentaler@fmaitalia.it

PARA REFLETIR

SOBRE O TEMA DO FILME

Relatar, divulgar, por meio do poder da tela dois momentos de um mesmo e angustiante problema: o destino da infância indigente e abandonada.

Rocco é também outro menino do *sul do mundo*, não somente Thabo, Yaguine, Fodé e todos os adolescentes africanos que representam.

Provém da extrema periferia de Bari onde tem o pai na cadeia e um tio que o havia vendido a uma equipe de futebol do Norte. São histórias verdadeiras, por meio das quais o filme enfrenta o problema do tráfico das crianças que jogam futebol. O futebol é um dos dogmas da nossa sociedade que movimenta interesses econômicos de proporções colossais. É inevitável que em torno deste 'mundo dourado' também se movimentem realidades ilegais.

Os dados fornecidos pela Federação de Futebol são inquietantes.

Definem estes personagens os contrabandistas do futebol, gente que pesca na enorme bacia do sul do mundo que vai da América Latina à África, para identificar rapazinhos que demonstrem qualquer dote para jogar futebol e – com a miragem do salário – convencem as famílias a entregá-los.

A promessa é de levá-los a qualquer escola de um grande clube italiano, francês ou espanhol, de onde sairiam em pouco tempo como campeões. Com muita frequência trata-se de escolas fantasmas pelas quais, se os adolescentes não são fenomenais, são abandonados lá mesmo.

SOBRE O SONHO DO FILME

“Que os jovens aprendam a pretender dos poderosos do mundo o direito à vida e à escola, para além do que é sancionado pelas cartas da Onu, Unesco e Unicef”, diz Bianchini.

“O *Sol Dentro* é o filme mais procurado pelas escolas. Continuarei a produzir filmes para jovens, esta é a minha maior aspiração”, continua o diretor com orgulho e convicção ao Fiuggi Family Festival. “A história de Yaguine e de Fodé, apesar da trágica conclusão, foi ignorada pelos grandes do mundo que deixaram sem resposta a sua carta. Não desejamos dar-lhes testemunho. (...) A mensagem última que pretendemos comunicar é o respeito pela vida humana e pela observância dos direitos fundamentais, a importância da ação por um mundo mais justo”.

Por outro lado é uma história de amizade e de esperança com mensagem fortemente otimista. É surpreendente o número das cartas endereçadas ao Parlamento Europeu pelos jovens de toda a Itália, inspirados no filme. A obra deu início a uma fundação para a África. Todos os blocos, ou quase todos, são originais, portanto os criadores do filme sensibilizaram-se com os problemas da África. O roteiro tem muita vivacidade e se baseia em rajadas de autêntica solidariedade, não somente nas duas histórias interpretadas pelos talentosos adolescentes protagonistas: alguns atores prestaram-se gratuitamente e com verdadeiro profissionalismo. Vamos adicionar!

O LIVRO



Bárbara Mucht

A menina dos olhos de céu

de Adriana Nepi



A autora do romance, neta de imigrantes irlandeses, nasceu e cresceu na África do Sul e vive atualmente em Londres. Declara, porém que todos os personagens do romance são fruto de fantasia, salvo os históricos. A situação do evento é confiada às poucas linhas do diário da Senhora Cathleen Harrington que, da Irlanda, sua terra natal transfere-se para a África do Sul a fim de casar-se com um homem com o qual está noiva, mas que não vê, por circunstâncias imprecisas, há cinco anos: Ama Edward, o homem que lá se tornará seu marido. Deixa corajosamente a pátria e os seus entes queridos, para enfrentar uma longa viagem rumo a um mundo distante e desconhecido. Superado o medo inicial com uma mudança tão radical, a mulher, aberta e livre de preconceitos, encontra-se logo à vontade no meio daquela gente nova e diferente, na qual percebe traços de genuína humanidade.

Ainda não haviam sido emitidas as leis do apartheid e, na casa rica e senhoril, o serviço é colorido.

Enquanto o senhor Edward prefere manter distância, a senhora, em vez, familiariza-se de boa vontade com Miriam, a doméstica eficiente, sábia e laboriosa. No pequeno alojamento situado no fundo do jardim para as pessoas de serviço, nasce a filhinha de Miriam, chamar-se-á Ada, nome da amadíssima irmã da boa senhora, deixada na Irlanda.

A complexa e às vezes complicada narrativa é conduzida em primeira pessoa: é ela Ada, o eu narrador que, desde a primeira página do romance, relata as circunstâncias da sua vinda ao mundo.

Breves e ocasionais trechos do diário da senhora lhe fazem o contraponto, quase um subalterno a narrar em duas vozes.

Quando nasce Ada, já há na casa senhoril, duas crianças: o senhorzinho Phil, um menino afetuoso e vivacíssimo que lhe será amigo e confidente, e miss Rosemary, mal-humorada e indiferente: um espinho para a pobre mãe que jamais conseguirá estimular na filha algum interesse não banal, nem mesmo pela música que ela cultivava com muita paixão.

Qual é sua surpresa no dia em que percebe que a pequena Ada, que gosta de observar miss Rose quando se assenta apaticamente ao piano, estica o dedo para corrigir uma nota errada! Na realidade havia logo descoberto na menina uma sensibilidade e uma inteligência não comuns; não podendo mandá-la para a escola (o marido não está de acordo), é ela então que lhe ensina a ler e a escrever e depois lhe abre o encanto pela música. A música terá um papel importante na vida de Ada e a ajudará também materialmente a superar situações difíceis, será a sua consolação e o recurso que lhe permitirá viver com dignidade.

Durante uma ausência prolongada da senhora, o senhor Edward por três vezes abusa indignamente da jovem doméstica. Esta não opõe resistência, induzida por uma espécie de passiva sujeição ao patrão que,

depois de tudo, concedeu-lhe hospitalidade e segurança. Foge, porém, com horror da casa na qual sente haver traído a confiança da patroa, que ama com ternura de filha agora que a sua verdadeira mãe está morta. Descobre com desânimo estar grávida e procura refúgio com nome falso entre a gente da sua raça. Mais tarde, amadurecida pelo sofrimento, perguntar-se-á: «por que não disse não naquela primeira vez?, por que acreditei que o sentido do dever fosse a minha única escolha? Se o meu dever e a minha lealdade tivessem sido por Deus Pai como na realidade deveria ter sido, então não me sentiria constrangida a fazer semelhante sacrifício... Em vez disso teria podido escolher a vontade de Deus, e Ele me teria ordenado dizer não... Por que tanto tempo e tanto sofrimento para aprender que tinha o direito de dizer não, mesmo em meu próprio nome? Mesmo se dizendo não, significasse perder o trabalho, a casa».

A senhora, depois de vãs e angustiadas buscas, encontra-a enfim por acaso, com imensa alegria e vê ao seu lado uma menina: é uma pequena mestiça com inconfundíveis olhos celestes. Lembra, ruborizando, a insistência com que o marido havia tentado distraí-la, depois da inexplicável fuga de Ada, das tentativas de reencontrá-la, chegando até a proibi-la de denunciar o fato à polícia. A verdade crua não precisa de outras provas. A esta altura abre-se o drama de uma situação que parece não ter saída, até o momento em que uma série de circunstâncias favoráveis faz com que os caminhos das duas mulheres ainda se cruzem, mas sem que possam conhecer nem segurança nem paz, também porque entrementes abateu-se sobre a sociedade sul africana a implacável lei do apartheid.

Seria muito longo seguir todas as tormentosas vicissitudes de tantos outros personagens ligados à história de Ada, com frequência envolvidos na revolução de um povo que luta pela liberdade. O que parece que deve ser relevada é a excepcional capacidade narrativa da autora, a sua identificação por assim dizer empática com a alma do povo africano.

O relato tem toda a aparência de uma autêntica autobiografia: o mesmo estilo de linguagem exprime o envolvimento de uma mentalidade inicialmente bastante primitiva que chega até o pleno desenvolvimento de uma riquíssima personalidade feminina. A ambientação histórica não é simples cenário, mas está em estreita relação com o desenrolar complexo do evento. A protagonista, esta forte mulher africana que se revelará além de tudo uma grande pianista, parece querer ser a reivindicação, o reconhecimento universal do gênio feminino.

Uma vez fechado o livro e dando uma olhada para trás percebe-se na intrincada história, que é esta a mensagem que dela brota: a dignidade da pessoa humana, igual em todas as latitudes, contra qualquer barreira de raça, de cultura, de pertença social.



Música de videogame

Mariano Diotto

«Nada é real. Tudo é lícito. Requiescant in pace.»

Desde 1961, quando foi comercializado o primeiro videogame, passou-se o tempo. Então ele se chamava Spacewar! e fora elaborado por seis jovens cientistas do MIT (Massachusetts Institute of Technology) de Boston; agora chama-se Grand Theft Auto V e a sua saída, que se deu em 17 de setembro de 2013, não passou despercebida. Meninos na fila por horas defronte às lojas, alguns desde o dia anterior, para obterem este novo jogo, com exclusividade.

Quando nasceram os primeiros videogames, a música era um elemento secundário, tanto que os únicos sons reproduzidos eram as melodias criadas por sintetizadores, e naquele tempo já se pensava que fosse ultramoderno.

Agora, no entanto, juntamente com a arte de vanguarda, a música tornou-se a protagonista dos videogames e as casas discográficas assinam contrato de exclusividade com os artistas apenas para colocarem uma de suas músicas num jogo.

A música em jogos de vídeo

Os videogames mais vendidos tratam geralmente de temas épicos, de aventuras ou policiais com fortes interações entre os personagens e as crianças que estão jogando.

Indubitavelmente a música sublinha as passagens mais significativas: um fundo musical *ad hoc* enfatiza ainda mais a ação e a aventura de uma perseguição ou de uma batalha. Daí a necessidade, por parte das casas produtoras de videogames, de músicas adaptadas para cada momento do jogo. No início eram escolhidas canções já famosas e exigida a isenção dos cantores, mas nos últimos anos o mecanismo foi invertido.

O mercado dos videogames não foi afetado pela crise e antes, graças também às versões com celulares e tablets (*device móbile*), gozam de uma grandíssima difusão e conquistam dia por dia sempre mais as cotas de mercado. Como resultado, agora são as casas discográficas com as suas *popstar* de maior sucesso a fornecerem trechos inéditos, porquanto sabem bem quão seja rentável associar a sua imagem a alguns

títulos de videogames que estão na moda.

Assim a música para um videogame se reveste da mesma função da coluna sonora em um filme e é projetada para acompanhar os eventos que se desenvolvem na tela. Para os jogos esta interação é maior porquanto devem levar em conta uma variável fundamental: o jogador.

O grande sucesso dos videogames com tema musical como *Guitar Hero* e *Rock Band* favoreceu esta mudança de rota. Por exemplo, a famosa cantora Katy Perry é testemunha e protagonista absoluta de “The Sim 3”, em uma edição especial intitulada: *Showtime Katy Perry Collector’s Edition*.

Acontece também que cantores desconhecidos se tornam famosos interpretando uma canção de um videogame.

De fato Malukah, uma jovem mexicana, até há poucas semanas atrás era uma perfeita desconhecida, e inesperadamente tornou-se um fenômeno multimídia depois de haver publicado no You Tube uma cobertura de *The Dragonborn Comes*, trecho contido na coluna sonora do célebre videogame fantasy *The Elder Scrolls V; Skyrim*, obtendo em pouquíssimo tempo mais de 4 milhões de visualizações.

O que podemos deduzir da influência da música sobre o jogo? Ou até que ponto ela pode influenciar o modo como são criados os jogos?

Da música japonesa à americana

Seguramente a música neste momento tem um papel fundamental e acontece um intercâmbio entre a notoriedade do jogo e o artista. Ambos ganham com isso alguma coisa como notoriedade, prestígio, dinheiro.

Koji Kondo é seguramente o compositor e musicista japonês mais famoso porquanto musicou alguns dos mais célebres títulos da Nintendo como “The legend of Zelda” e “Super Mario”, contribuindo para tornar estes jogos obras-primas. De fato teve a genial ideia de fundir os rumores e gestos dos personagens com a música de fundo.

Depois dessa primeira onda musical proveniente do Japão, passou-se a um domínio estadunidense. De fato, Michael Giacchino (autor das músicas de *Call of Duty*, *Call of Duty: a hora dos heróis* e *Secret Weapons Over Normandy*) e Hans Zimmer (são suas as músicas de *Call of Duty: Modern Warfare 2*) souberam em vez disso subdividir o seu trabalho com grande sucesso entre o cinema e o *gaming*.

Este mercado, portanto tem ainda grande possibilidade de expansão e de integração entre o jogo e a coluna sonora que sublinha suas fases mais significativas. Certamente o gênero hip-hop é aquele que mais dita leis em jogos de vídeos, mas assim como o público muda rapidamente os próprios gostos musicais, veremos no futuro uma evolução do liame entre a música e o game.

mdiotto@iusve.it

CAMILLA



Quando chove no molhado

Minhas caríssimas amigas da revista, com a mudança de comunidade retomei – mais intensamente que nunca – a minha atividade preferida: olhar ao meu redor!

Assim comecei a perceber a nova realidade à qual havia chegado, concentrando o meu espírito de observação na presença da nova diretora, agora em casa, dois dias depois da minha chegada.

No início não havia feito muito caso, mas com o passar do tempo, a acolhida que lhe foi reservada me fez refletir sobre o tema da fé.

Infelizmente parece-me que a fé tem muito pouco a ver com a chegada da recém-promovida ao governo! Explico-me.

Há quem, com saudades da diretora que acabou de sair e de suas escolhas, olha com desconfiança para aquilo que poderá fazer e propor a que chegou por último, refugiando-se na crítica subterrânea ou num disfarçado boicote; há quem, estressada pela experiência passada e desejosa de renovar o ambiente, acolhe-a de braços abertos, colocando na pobrezinha todas as suas esperanças e confundindo-a com uma panaceia universal; há quem, incapaz de eliminar velhas ferrugens que lhes tornam dificultosa uma convivência serena em comunidade, confia na sua prudente mediação para resolver atávicos problemas relacionais; há quem, não encontrando espaço e modo de expressar uma personalidade que com o tempo

dobrou-se sobre si mesma, espera que a novata, sem saber, empreste o seu ombro às suas ambições e lhe aplaine o caminho. Em suma, é difícil encontrar quem esteja disposto a acolhê-la com fé e liberdade de espírito!

Ora, longe de mim querer defender uma categoria indefensável (não tenho as diretrizes...), eu me pergunto: nós já consideramos que cada responsável de comunidade tem um passado tempestuoso? Olho esta pobre Irmã que tenta compreender o ambiente em que a catapultaram, esforçando-se para conhecer as pessoas que se encontram ao seu lado, acolhendo confidências, preocupações e expectativas, e penso que ao mesmo tempo – pouco a pouco – está tentando recompor os escombros deixados pelo furacão que a atingiu quando lhe foi pedido para ser diretora?

E então, digo a mim mesma, não seria melhor colocar nossas esperanças em Deus? Não seria mais 'religioso' acolher com fé quem é chamado a caminhar ao nosso lado, não para nos levar sobre os seus ombros?

Minhas caríssimas, sabemos bem que a vida oferece tempestades e tufões a cada um de nós! Mas, evitemos, pelo menos nós, de fazer chover sobre o molhado!!!

Palavras de C.



**CERTOS PICOS
NÃO SE ESCALAM SENÃO
EM GRUPO**
DOMINIQUE PERROT



1953/2013 **dma** SESENTA ANOS